

SIMBOLISMO ÉTNICOS DO CARURU DO ODEERE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

ETHNIC SYMBOLISM OF CARURU DO ODEERE: EXPERIENCE REPORT

Manuely Santos dos Anjos¹- UESB
manuely.lamdyn@gmail.com

Arianna Ramos dos Santos²- UESB
ariannaramos823@gmail.com -

Marise de Santana³-UESB
nabaia1960@gmail.com

Ana Angélica Leal Barbosa⁴-UESB
aabarbosa@uesb.edu.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar o relato de experiência vivenciado nos festejos do Caruru de Cosme e Damião, Erês, Wunjes e Ibejis realizados pelo ODEERE- Órgão de Educação das Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Esse relato objetiva enunciar os simbolismos étnicos que fazem parte desta atividade que acontece no último fim de semana do mês de setembro, anualmente. No decorrer do relato iremos mostrar a importância dessa atividade para o ensino, pesquisa e extensão de todas e todos os alunos e alunas deste órgão, em especial dos discentes do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, contribuindo para perceberem o movimento étnico que os símbolos do caruru apontam. Nessa perspectiva buscamos: 1) Discutir sobre os símbolos étnicos; 2) debater sobre a preservação dos legados africanos.

¹ Graduada em Pedagogia-UNEB, pós-graduada Lato Sensu em Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira na Educação-IFBAIANO, Colaboradora do Programa de Extensão Cozinha dos Afetos para universitária negras-CAfUNé-UFRB e Mestranda de Relações Étnicas e Contemporaneidade- UESB.

² Mulher Negra, Candomblecista, Professora, Coreógrafa, Pesquisadora e Artista. Graduada em Licenciatura em Dança pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC.

³ Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Bahia Olga Meting. Concluiu mestrado em pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora nível Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora do quadro permanente do Programa Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade e do Curso de Pós Graduação em Antropologia Com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras do ODEERE/UESB. Na UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana é Professora do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em "Desenho, Cultura e Interatividade".

⁴ Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia mestre em Ciências e Doutorado em Ciências Biológicas - área de concentração em Genética (UFPR). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora do quadro permanente do Programa Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Palavras chaves: Simbolismos étnicos; Caruru de Cosme e Damião, Erês, Wujis e Ibejis; ODEERE; patrimônio material e imaterial.

Abstract: The present work aims to present the experience reported during the Caruru de Cosme and Damião, Erês, Wunjes and Ibejis celebrations held by ODEERE - Ethnic Relations Education Agency of the State University of Southwest Bahia. This report aims to enunciate the ethnic symbolisms that are part of this activity that takes place on the last weekend of September, annually. Throughout the report we will show the importance of this activity for teaching, research and extension of all students of this body, especially students of the Postgraduate Program in Ethnic Relations and Contemporary, contributing to understanding the ethnic movement that the caruru symbols point to. Our perspective is: 1) Discuss ethnic symbols; 2) discuss the preservation of African lega

Keywords: Ethnic symbolisms; Caruru de Cosme and Damião, Erês, Wujis and Ibejis; ODEERE; material and intangible heritage.

INTRODUÇÃO

O caruru realizado pelo ODEERE Órgão de Educação das Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, tem como finalidade a valorização dos símbolos étnicos e a preservação dos legados africanos no processo de formação de todos os alunos e alunas deste órgão, em especial dos discentes do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Nesse sentido, compreendemos a importância de dialogar sobre as experiências vivenciadas no festejo do Caruru, de Cosme e Damião, Erês, Wunjes e Ibejis, tal como registrar um pouco dessa produção de modo que venha a contribuir para aprimorar os conhecimentos referentes a esses patrimônios africanos. Logo, nossa perspectiva é 1) Discutir sobre os símbolos étnicos; 2) debater sobre a preservação dos legados africanos como elementos norteadores para o movimento étnico do caruru.

Assim, o texto é um relato do campo antropológico cultural que reflete as presenças dos símbolos étnicos vivenciados pela presença dos legados africanos em nosso cotidiano e festejos. Marise de Santana no livro *Etnicidade e Trânsitos: estudos sobre a Bahia e Luanda*, aponta que o estudo das etnicidades é importante para pensarmos sobre o lugar de estreitamento entre memória e sentimento de pertencimento. Sendo assim, é com esse

entendimento que tomamos os símbolos étnicos do caruru para entender quais legados estão presentes .

Desenvolvimento

Os símbolos étnicos são vivenciados de diferentes formas na sociedade brasileira, exemplos disso são as músicas, as festas e tradições religiosas. O Órgão de Educação e Relações Étnicas (Odeere/UESB) realiza anualmente no mês de setembro o Caruru de Cosme e Damião, Erês, Wunjis e Ibejis que fazem parte do cronograma de atividades do ODEERE. A culinária Afro-brasileira é rica por sua diversidade e elementos simbólicos que permeiam sua construção, seus saberes e símbolos que são identificados nos movimentos e preparação dos alimentos dos festejos do caruru ODEERE.

O caruru do ODEERE é uma atividade que visa estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem propiciando um estudo étnico dos diferentes símbolos que compõem o que tradicionalmente chamamos de “caruru” (vatapá, acassá, caruru, acarajé, abará, omolocum, caruru, entre outros alimentos). Aqui estamos a dizer que o caruru é festa e também comida, pois, organizamos no festejo a inclusão do prato chamado caruru, que é feito à base de quiabo, camarão, amendoim e cebola. Marise de Santana explica como o caruru carrega os elementos simbólicos da etnicidade:

“...Ao pensar nas comidas do caruru, estamos pensando como elas carregam etnicidades. Vatapá, Omolocum, Amalá, Abará, Acarajé e outras tantas carregam etnicidades que só os mitos afro-brasileiros podem explicar. A própria estrutura organizacional do caruru carrega elementos étnicos do catolicismo, das religiões de Matrizes Africanas, portanto europeia e africana. Neste sentido, podemos afirmar que o caruru pode carregar saberes de Cosme e Damião, Erê, Wunjis, Ibeji, mostrando que existe aí processos de etnicidades diferenciadas que dão pra gente ideia de um estudo que não é um estudo onde eu diga que o catolicismo absorveu esse ritual que é africano.” (SANTANA, 2022, p. 16)

No Brasil, o sincretismo entre catolicismo e as religiões de matriz africana, dão origem ao oferecimento do caruru. Hoje essas festividades prezam pela diversidade étnica dos locais que se insere, proporcionando o fortalecimento das tradições culturais africanas e europeias.

Caruru do ODEERE 2023

No dia 22 de setembro de 2023, o caruru foi iniciado com a seguinte atividade “ I Oralituras: Metodologia de Boca a Ouvido Simbolismo étnicos do Caruru de Cosme e Damião, Wunji, Ibejis e Erê”, ministrado pela professora doutora Marise de Santana, para os cursos de pós-graduação e extensão do ODEERE. Tal atividade, teve como objetivo explicar as tradições do festejo e os símbolos que perpassam o movimento do preparo coletivo do caruru. Durante a palestra a professora aproveitou também para romper com as visões estereotipadas das tradições do Caruru do Odeere, explicando as etapas e como acontece as oficinas de cortar quiabo, fazer acarajé, bolo, feijão, vatapá e entre outras comidas. A professora Marise Santana também ressaltou a importância de todas as mãos que constroem o caruru, as pessoas que permanecem participando dessa ação coletiva para preparar os alimentos para o festejo.

O caruru do ODEERE tem como caráter eminentemente coletivo a construção e fortalecimento de vínculos sociais. Pois, seu campo sócio-antropológico proporciona um aprofundamento na compreensão da etnicidade dos indivíduos enquanto seres que vivem em coletividade e que possuem ancestralidade, formados pelos legados africanos. Marise de Santana (2022) questiona como “...esses Legados Africanos trazem pra gente elementos de etnicidade? Tais elementos podem ser pensadas na perspectiva de perceber as diferentes identidades, as questões raciais entre outros elementos que substancia o debate Etnico.” (p.16).

A coletividade no processo de construção da festa do Odeere produz o que Émile Durkheim explica como “estado de efervescência coletiva”, ou seja, o afloramento da corporeidade, dança, música, manifestação/ devoções religiosas para os divinos/ orixás e formação teórico e metodológico do

fazer por diversas mãos. É na ocasião da efervescência que compreendemos nas falas da Professora Dra. Marise de Santana a importância do respeito às tradições, o ecoar das músicas quando chamamos as crianças para a mesa (uma toalha no chão, onde será servido primeiramente o alimento para elas), produzindo o estado de pertencimento e atravessamento de si e do outro. Émile Durkheim explica que não se reconhece, sente-se como transformado e, por conseguinte, transforma o meio que o cerca” (2008, p. 499).

Marise de Santana (2022) levanta alguns questionamentos sobre a mente que enraizou os padrões do colonialismo como Bom Senso, criando mentes artificiais, sem levar em conta os legados africanos produzidos pelo caruru, pois, “quando se pensa no caruru do ODEERE Órgão de Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, precisamos refletir: quais são esses elementos de bom senso que estão dentro desse espaço? Quais elementos de bom senso estão presentes no espaço que forma indivíduos para terem bom senso? Quais elementos de bom senso são importantes de serem reafirmados para que haja integração dos indivíduos? (pg.19)”

Na imagem a seguir, podemos observar a Professora Dra. Marise Santana na palestra do dia 23 de setembro dialogando sobre os legados e elementos ancestrais que se constroem em cada símbolo utilizado na preparação do caruru.

Imagem 1: Formação do dia 23 de setembro 2023



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora em 23 de setembro de 2023.

Imagem 2 e 3: Momentos dos alimentos durante o caruru



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora em 23 de setembro de 2023.

O estado de efervescência coletiva nos festejos do ODEERE, se constroem dos elementos da diversidade, produzindo a construção dos ensinamentos e conhecimentos teóricos, práticos e populares que são ensinados por todos os envolvidos.

Conclusões

O ODEERE, ao realizar nas suas etapas do caruru não somente o festejo, mas o processo de formação teórico-prático como campo de pesquisa científica, contribui para efetivação e apropriação e permanência das culturas negras no ambiente acadêmico. O caruru é tradicionalmente uma festa-ação, voltada para o fortalecimento da descolonização dos espaços públicos e intelectuais. Assim, durante a palestra da Prof. Dra. Marise de Santana recuperamos teorias epistemológicas através da dialogicidade das histórias dos Carurus anteriores, provocado pelos símbolos presentes na construção do caruru como construtores da cultura e identidade dos diversos grupos étnicos que ao ODEERE tem acesso.

A subjetividade em resgatar a importância da cultura tradicional de matriz africana, como ação de preservação, disseminação e apropriação da riqueza cultural de nossos ancestrais, valorizando a identidade étnica e pertencimento ancestral, acontece em diversos momentos no festejo do Caruru do odeere, como podemos observar nas seguintes imagens.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SANTANA, Marise de. **Entidades ou lutas religiosas “crentes”, católicos e “macumbeiros” no Recôncavo Baiano**. Etnicidade em Trânsitos. Estudos sobre Bahia e Luanda. org. Marise de Santana, Edson Dias Ferreira e Washington Santos Nascimento. Rio de Janeiro, UNIAFRO, 2017.

SANTANA, Marise de. **Quem não senta pra aprender, não levanta pra ensinar: uma aula com a Griot Marise de Santana**. In. Narrativas Ancestrais: histórias e trajetórias de mulheres negras na Bahia / Organizadores Luzi Borges, Marise de Santana, Washington Nascimento. - Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2022.